

Hoje é um dia importante para a unidade europeia.

Esta manhã, o Parlamento Europeu teve a honra de acolher o Presidente Zelenskyy, que constitui um verdadeiro exemplo da bravura, da coragem e da resiliência do povo ucraniano. O presidente Zelenskyy interveio no nosso hemiciclo, mas as suas palavras ressoaram por toda a Europa. Foi uma mensagem forte de unidade, em que lembrou que a batalha pela Ucrânia não é só uma batalha por território, mas uma batalha pela defesa dos nossos valores comuns.

Em breve fará um ano desde que a Rússia invadiu ilegalmente a Ucrânia soberana e independente. Podemos orgulhar-nos da nossa total solidariedade para com o povo ucraniano.

Mas a guerra na Ucrânia prossegue. Não podemos permitir que a fadiga da guerra se instale – essa é a esperança da Rússia, que quer esgotar os nossos sistemas e a nossa paciência.

A Ucrânia necessita ainda de mais apoio.

A Ucrânia precisa de armas. Nesta nova fase da guerra, será necessário armamento mais pesado, pelo que importa considerar carros de combate, aviões de combate e sistemas de defesa de longo alcance e, neste sentido, devemos agir com rapidez. Não há tempo para complacência.

É desta forma que podemos contribuir para alcançar a paz. Apaz com dignidade. A paz com liberdade. A paz com justiça.

A Ucrânia faz parte da Europa. No ano passado, tomámos a decisão histórica de conceder à Ucrânia e à Moldávia o estatuto de países candidatos à UE. Não se tratou apenas de um ato simbólico, mas de um reconhecimento claro de que a Ucrânia deve pertencer à União Europeia. Devemos estar preparados para honrar a nossa palavra. A Ucrânia tem registado progressos notáveis no que diz respeito ao ritmo de execução das suas reformas. E espero que as negociações de adesão possam ter início o mais rapidamente possível, assim que a Ucrânia preencher todos os critérios necessários.

O ano passado também nos mostrou que podemos unir esforços para enfrentar os desafios inerentes a grandes movimentos de pessoas. Demonstrámos que podemos fazê-lo.

Ano após ano, legislatura após a legislatura, a migração tem sido um desafio recorrente para todos nós. Apesar disso, não conseguimos chegar a acordo sobre uma abordagem sustentável a longo prazo.

Sei que é tentador agirmos isoladamente. Os autocratas sabem-no bem e os cínicos contam com isso. É precisamente nestes momentos difíceis que devemos resistir a essa tentação.

Uma coisa é clara: há desafios que exigem uma resposta europeia. E mesmo que sejam complexos e multifacetados, devemos – e podemos – chegar a acordos que vão muito além do imediato.

Com o Pacto Europeu sobre a Migração e o Asilo, dispomos já de um plano:

- Recentemente, temos assistido – e com razão – a um grande debate sobre o reforço das nossas fronteiras externas. Porém, não devemos esquecer que já podemos começar a abordar estas questões, preservando simultaneamente a integridade do espaço Schengen, mediante um acordo sobre o Regulamento em matéria de procedimentos de asilo e triagem.
- Temos vindo a falar sobre a resolução das questões dos movimentos secundários e de uma solidariedade eficaz. No entanto, as respostas a estes debates podem ser acompanhadas de acordos sobre o Eurodac e o Regulamento Gestão do Asilo e da Migração.
- Além disso, temos vindo a debruçar-nos sobre a dimensão externa e os nossos esforços com os principais países terceiros. E este é um debate que já está previsto no Regulamento Gestão do Asilo e da Migração. Neste contexto, devemos também abordar mais os regressos. Algumas pessoas deveriam e poderiam regressar de forma segura e são muito poucas as que o estão a fazer, o que é difícil de explicar aos nossos cidadãos. Podemos fazer melhor. Podemos garantir que os nossos recursos se destinem aos que deles mais necessitam.

- O Pacto sobre a Migração pode mesmo ir além de todas estas questões. Na sua forma holística, este também tem em conta situações de crise, de força maior, e outras circunstâncias imprevistas.

É por este motivo que não podemos desviar a nossa atenção da necessidade de concluir a reforma do quadro legislativo em matéria de asilo e migração antes do final da presente legislatura.

Este foi o compromisso assumido pelo Parlamento Europeu e pelas cinco Presidências rotativas do Conselho para com os cidadãos europeus em setembro do ano passado. Qualquer debate fora deste âmbito será apenas uma tentativa de atrasar – ou mesmo de impedir – esta reforma.

Não há tempo a perder. É imperativo que as negociações entre os dois legisladores tenham início nos próximos meses, a fim de dispormos de tempo suficiente para encontrar o equilíbrio certo e identificar uma abordagem humana e justa para quem procura proteção, que seja firme com os que não são elegíveis e que seja forte com os que exploram os mais vulneráveis do nosso planeta.

Como sabem, a migração é apenas um dos desafios que a Europa enfrenta atualmente. Neste momento de instabilidade global, caracterizado por uma inflação elevada, um aumento dos preços da energia, indústrias em dificuldades e faturas dolorosas para as famílias, devemos tirar partido do nosso maior recurso.

Este ano, assinalamos o 30.º aniversário do mercado único. Neste período, assistimos à criação de mais oportunidades para as pessoas, as empresas e os consumidores do que alguma vez imaginámos. Ser o maior mercado único democrático do mundo reforçou a nossa posição na cena internacional. Mesmo num momento em que o nosso modelo europeu está a ser posto em causa, continuamos a definir normas a nível mundial. Porque o mundo sabe que o nosso modelo de sociedades abertas e de mercados abertos funciona.

A Europa tem muito mais a oferecer do que nós próprios reconhecemos.

Podemos tirar partido desta situação. Aceleremos o investimento na Europa para voltar a colocar a economia europeia numa trajetória estável de crescimento e para nos tornarmos ainda mais competitivos. Não precisamos de reinventar a pólvora: o financiamento do NextGenerationEU continua a estar

disponível. Além disso, uma revisão do QFP permitirá redistribuir os fundos em tranches que eram menos prioritárias aquando da sua negociação.

Na semana passada, foi comunicado que as empresas do setor da energia e da eletricidade obtiveram lucros recorde em 2022. Chegou o momento de insistir na ideia de um imposto sobre ganhos excepcionais.

Sei que já foi adotada uma decisão nesse sentido, mas quando vemos cerca de 40 mil milhões de euros de receitas adicionais para uma única empresa de energia, num momento em que os cidadãos e as empresas necessitam de apoio, é evidente para mim que existem ainda demasiadas lacunas no sistema.

As últimas previsões mostram que a União Europeia poderá implantar mais energias renováveis nos próximos cinco anos do que nos últimos vinte. A necessidade desta transição não é uma ameaça, mas uma oportunidade.

Esta manhã, o Parlamento adotou a sua posição sobre o Regulamento Gás da UE e sobre o último grande dossiê do pacote Objetivo 55, a Diretiva Desempenho Energético dos Edifícios. Estamos na última fase da preparação do quadro regulamentar necessário para a transição que aprovámos no âmbito da Lei Europeia em matéria de Clima.

O que a União Europeia deve fazer é tentar obter uma vantagem competitiva a nível mundial, mantendo os seus valores democráticos sem perder de vista os objetivos climáticos com base no seu quadro regulamentar específico.

E, ao fazê-lo, o que afirmei em dezembro continua a ser válido: não devemos enveredar pelo perigoso caminho de ver quem ganha a corrida ao protecionismo. Não temos de nos retrair. A nossa economia cresceu ao longo dos anos precisamente porque defendemos o contrário.

O nosso modelo funciona.

O mesmo se aplica à tentativa de tornar as nossas instituições mais íntegras, independentes e responsáveis. A este respeito, tenho o prazer de vos informar de que adotámos ontem ao final do dia as nossas primeiras medidas neste âmbito, e estou confiante de que continuaremos a restabelecer a confiança no Parlamento e no nosso projeto.

Por último, permitam-me prestar homenagem a Nicos Anastasiades, que, após 10 anos como Presidente de Chipre, em breve passará o testemunho. Agradeço-lhe o empenho na defesa do nosso projeto europeu, da paz, bem como todos os esforços envidados no sentido de preservar a estabilidade regional ao longo da última década. O seu sucessor terá uma fasquia muito alta a transpor.

Obrigada.